

ANÁLISE VISUAL DA ENSEADA DE BOTAFOGO

Paulo Afonso Rheingantz¹

Neste texto pretendo ilustrar com fotografias comentadas um “passeio” pela enseada de botafogo, com um percurso iniciando em frente à antiga sede do Flamengo, no Morro da Viúva, e terminando no Iate Clube, com diversas fotos dos edifícios e situações mais marcantes do sítio, com o objetivo de melhor ilustrar uma leitura pessoal de arquiteto-morador da Enseada de Botafogo, onde residi no período de 1996 a 2005.

À esquerda, o conjunto de edifícios do Morro da Viúva. Ao centro e ao fundo, Pão de Açúcar e bairro da Urca. À direita, Morro do Pasmado e Iate Clube.



Figura 1 – Vista da Enseada de Botafogo (2000)

As áreas escuras junto ao mar indicam os muros e enrocamentos do aterro. As quadras escuras, os edifícios das universidades UFRJ e UNIRIO. As manchas em cinza escuro, o parque do Flamengo e o Morro da Viúva. Em cinza mais claro, as vias e a linha 1 do Metrô.

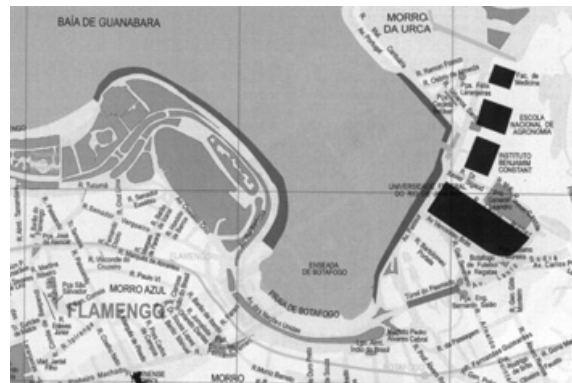


Figura 2 – Planta da Enseada de Botafogo
Fonte: Rio Listas 99, Planta 4



Figura 3 – Vista Panorâmica da Enseada a partir do Morro da Viúva

Esta figura evidencia a relação aleatória entre a massa edificada e o perfil natural dos morros. Fragmentação da paisagem, fruto da prevalência da concepção do edifício como obra isolada de arquitetura em detrimento de seu relacionamento com o contexto. O conjunto de intervenções no sítio releva a presença de diversos objetos [principalmente edifícios] ávidos por atenção. Arquitetura como protagonista do processo de degradação da paisagem natural: monumentos da irracionalidade. Limites

¹ Texto originalmente apresentado como Anexo 02 de Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação do Desempenho de Edifícios de Escritório. Rio de Janeiro: COPPE/UF RJ, 2000. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), p. 290-296.

naturais e culturais são substituídos pelos limites técnicos, econômicos e políticos, tornando os lugares impessoais, despersonalizados, desumanos e frios.

Evidência da ocupação irracional do sítio e descaso com a paisagem natural. Degradação tecnicista.



Figura 4 – Vista do Paredão de edifícios junto ao Morro da Viúva.

Único trecho visível do morro. Ao fundo, aparecem as torres dos edifícios Apolo (ao centro) e o conjunto de edifícios da Avenida Osvaldo Cruz. Memória dos primeiros edifícios e descontinuidade de massa edificada.



Figura 5 – Vista do Morro da Viúva junto ao Instituto Fernandes Figueira.

Trecho compreendido entre as avenidas Rui Barbosa e Osvaldo Cruz, onde se destaca o edifício Apolo com seus 28 pavimentos. Evidência da prevalência dos interesses imobiliários e do casuísmo das autoridades públicas [liberação de gabarito]



Figura 6 – Vista do conjunto de edifícios da Praia de Botafogo.

Trecho compreendido entre a avenida Osvaldo Cruz e ruas Senador Vergueiro e Marques de Abrantes. Fragmentação do tecido urbano e da morfologia da massa edificada: relação aleatória entre a concepção dos edifícios e o contexto.



Figura 7 – Vista do conjunto de edifícios da Praia de Botafogo.

Evidência de falta de articulação entre os organismos municipais e falta de lógica na concepção. Se instalado na grama, além de evitar a obstrução do trânsito de pedestres, o banco possibilita maior conforto para seus frequentadores – a grama ameniza as radiações térmica e luminosa.



Figura 8 – Banco obstruindo o passeio de pedestres.

Edifícios da Telemar e da Fundação Getúlio Vargas, situados no trecho entre as ruas Marquês de Abrantes e Farani. As fachadas envidraçadas do edifício da Fundação Getúlio Vargas, voltadas para Leste e Oeste, funcionam como coletor solar e obrigam seus usuários a colarem folhas de papel opaco, para reduzir a incidência da radiação direta do sol.



Figura 9 – Vista dos edifícios “cegos” (sem janelas para a Praia de Botafogo)

Fachada “cega” e a sombra que projeta sobre o edifício vizinho. Desproporção, ruptura e falta de integração com o sítio e com o clima local.



Figura 10 – Vista do edifício da Fundação Getúlio Vargas

Ruptura e desproporção do gabarito. O edifício, com suas fachadas de vidro, também funciona como coletor solar. Concepção desconsidera o clima local. Casuísmo das autoridades públicas [liberação do gabarito]



Figura 11 – Vista do edifício Argentina.

Ao fundo, o Corcovado evidencia a desproporção da massa edificada em relação à paisagem natural.



Figura 12 – Vista da Torre da Igreja da Imaculada Conceição e do edifício Caemi.

Mesmo sendo considerado um dos melhores projetos de edifícios de escritórios do Rio de Janeiro, sua massa evidencia descompromisso com a paisagem natural e com o ambiente.



Figura 13 – Vista do edifício Caemi, com o Corcovado ao fundo.

À direita o edifício do antigo cinema Ópera (atual Casa e Vídeo); à esquerda, parte do edifício Coca-Cola/Intelig). Ao centro, o mal afamado edifício Rajá, conhecido pelos problemas decorrentes da excessiva densidade populacional



Figura 14 – Vista de conjunto de edifícios próximos à Rua Visc. de Ouro Preto

À direita, o antigo edifício Rajá; à esquerda, rua Professor Alfredo Gomes, com os edifícios Botafogo Praia Shopping, Banco do Brasil, e o desproporcional e escuro edifício Coca-Cola/Intelig. Ao fundo, escondido entre a massa edificada, o Corcovado – somente visível no trecho correspondente à rua Professor Alfredo Gomes. Relação aleatória do edifício com o ambiente. Edifício ávido por atenção.



Figura 15 – Vista dos edifícios Coca-Cola/Intelig e Botafogo Praia Shopping

Ruptura de gabarito, de alinhamento e de cor/textura da aparência externa. Massa edificada bloqueia a vista do Corcovado e da paisagem natural. Edifício como obra isolada



Figura 16. Edifício Praia de Botafogo 440.

Privatização de área pública de proteção ambiental. Extravagância formal e de materiais. Edifício como obra isolada, ávido por atenção e casuísimo das autoridades públicas.



Figura 17. Centro Empresarial Mourisco.

Privatização de área pública de proteção ambiental. Extravagância formal e uso inadequado de material – massa de concreto aparente obstruindo a vista da enseada. Casuísimo das autoridades públicas.



Figura 18. Vista da Piscina do Botafogo Futebol e Regatas.

Ocupação de área proteção ambiental, embora para uso público, pintura vermelha agride a já poluída paisagem local. Casuísmo das autoridades públicas, degradação tecnicista/pop-degradação e relação aleatória dos edifícios com o contexto.



Figura 19. Vista do edifício do Corpo de Bombeiros.

Falta de vagas de garagem tumultua o trânsito nas alças de acesso à Avenida Nações Unidade (Aterro) e retorno a Copacabana



Figura 20. Edifícios “gêmeos” da IBM.

Edifícios “gêmeos” da IBM, Corpo de Bombeiros, Restaurante Sol e Mar e hangares do Iate Clube. Ao fundo, a torre do edifício-shopping center Rio-Sul, um dos mais altos do Rio de Janeiro.



Figura 21. Vista do conjunto de edifícios da Avenida Nestor Moreira.

Bloqueio da vista do perfil das montanhas que contornam a enseada de Botafogo. Edifícios-coletores solar Argentina e Fundação Getúlio Vargas. Edifícios ávidos por atenção.



Figura 22. “Paredão” de edifícios

Ocupado pelo conjunto de edifícios do condomínio Casa Alta. Ocupação inadequada da encosta. À frente, o exótico Centro Empresarial Mourisco. Casuísmo do poder público, degradação tecnicista e doutrinária.



Figura 23. Vista do Morro do Pasmado.

Abrigo de Ônibus obstruindo o passeio de pedestres evidencia a falta de conexão entre as diversas instâncias do poder público municipal. Edifícios sem conexão com o sítio. Degradação tecnicista e casuísmo do poder público.



Figura 24 – Vista dos edifícios Anexo da Fundação Getúlio Vargas e da Telemar.

A partir do local onde deverá ser construído o memorial às vítimas do holocausto. Arquitetura como protagonista principal de um ambiente onde a exuberante paisagem natural é relegada à condição de coadjuvante, quando não é completamente ignorada.



Figura 25 – Vista do Edifício Argentina

O resultado deste conjunto de imagens que compõem um percurso de pedestre ao longo da praia na enseada de Botafogo evidencia a presença das três degradações (MORIN 1996) tratadas na SEÇÃO 1.4 – tecnicista, doutrinária e pop-degradação –, a prevalência da concepção do edifício como obra isolada de arquitetura em detrimento de seu relacionamento com o contexto (CULLEN 1983) e o casuísmo com que a cidade é tratada pelas autoridades públicas. A estética destes edifícios e sua propaganda de venda evidenciam o “desejo mimético” (Jurandir FREIRE COSTA) do lugar onde seus idealizadores e compradores imaginam ou desejam viver. A metáfora dos “transatlânticos ancorados na calçada” ávidos por atenção pode ser considerada sua mais pura expressão. O resultado desta lógica que despreza o clima e a paisagem local é expresso através da produção de um ambiente construído que funciona como tapume da esplendorosa paisagem natural delineada pelo contorno dos morros circundantes.

O ambiente construído enseada de Botafogo pode ser considerado como um reflexo da esquizofrenia [ou aleatoriedade] da arquitetura da razão técnica e seus “desafios” e evidencia que, se a humanidade não superar as limitações do paradigma racionalista em prol de um paradigma social complexo, estará inexoravelmente condenada por si mesma a viver em um hábitat despersonalizado, desconfortável e desumano.